

A Solibel como instituição e sua perspectiva pedagógico-musical: uma análise a partir da obra do padre Ágio Augusto Moreira

Comunicação

GTE 18 – Sociologia da Educação Musical

*Alexandre Junior de Alencar Amorim
Universidade Federal de Uberlândia
Alexandre1208amorim@gmail.com*

*Lilia Neves Gonçalves
Universidade Federal de Uberlândia
lilia_neves_2006@hotmail.com*

Resumo: Este estudo, fundamentado em princípios da sociologia da educação musical, teve como objetivo compreender a perspectiva pedagógico-musical da “Sociedade Lírica do Belmonte” (Solibel), a partir da análise do livro “Escola de educação artística: filosofia e relatos históricos”, escrito pelo padre Ágio Augusto Moreira, fundador da escola. Essa escola de música, situada em uma comunidade rural, foi criada com o intuito de transformar a vida dos moradores por meio da música. O livro foi tratado como fonte primária, conforme os pressupostos metodológicos de Mann (1975). Para compreender essa escola, enquanto instituição educacional, foram utilizadas as concepções teóricas de Cunha (2009), Scott (2010) e Souto (1998), que consideram as instituições como produtos de um processo de institucionalização marcado por normas, valores e formas compartilhadas de “agir, pensar e sentir”, configurando o que Souto denomina de “trama institucional”. A análise permitiu identificar que a proposta pedagógica do sacerdote seu criador, embora ancorada na tradição europeia, rompeu parcialmente essa tradição ao incorporar elementos da cultura local e práticas pedagógicas mais inclusivas. Dessa forma, evidenciou-se a construção de uma “trama institucional” própria na escola, marcada pelo reconhecimento das potencialidades dos sujeitos historicamente marginalizados e pela valorização de saberes populares no processo educativo musical.

Palavras-chave: Solibel, Padre Ágio Augusto Moreira, Instituição, perspectiva pedagógico-musical.

Introdução

Esta comunicação apresenta um estudo, que fundamentado em princípios da sociologia da educação musical, se propõe a apresentar perspectivas pedagógico-musicais da

“Escola Heitor Villa-Lobos”, criada em 1967 pelo Monsenhor Ágio Augusto Moreira, nome que carregaria até em 15 de novembro de 1973, quando se tornou “Sociedade Lírica do Belmonte” (Solibel).

A Solibel, uma Sociedade, é uma instituição sem fins lucrativos dedicada ao ensino de música, localizada no distrito do Lameiro, zona rural do município de Crato, no extremo sul do Ceará, fundada em 15 de novembro de 1973 pelo Monsenhor Ágio Augusto Moreira. Conhecido popularmente como Padre Ágio, além da formação em teologia, também possuía formação em filosofia e letras.

Ao longo de sua vida, atuou como vigário e pároco em diversos municípios da região do sul do estado, também como professor em várias instituições. A relação de Padre Ágio com a música remonta à sua infância, e o sonho de criar uma escola de música rural surgiu em 1948. Foi então que, pela primeira vez, ele teve contato com canções folclóricas da região, cantadas por agricultores durante a colheita de algodão, arroz e café.

A ideia inicial do sacerdote era criar uma escola sustentada exclusivamente por seus próprios recursos, mantendo um número reduzido de alunos, o que garantiria sua autonomia e viabilidade. No entanto, com o crescente interesse da comunidade por aprender música, tornou-se inviável manter esse modelo inicial de escola, levando-o a reconsiderar sua decisão, já que, segundo Moreira, “é de natureza de toda obra social, que se expande, carecer dos outros, buscar sua participação e ajuda, o que, negados, pode ocasionar frustrações” (Moreira, 1992, p. 46).

Inicialmente, o monsenhor não concordava com a sugestão de seu irmão quanto à formalização da escola. No entanto, diante do aumento da procura, acabou aceitando a proposta, deixando sob responsabilidade do irmão a elaboração do estatuto e demais exigências legais para a oficialização da instituição. Moreira (2008) enfatiza que a Sociedade é uma instituição particular, sem fins lucrativos e de caráter filantrópico, mantendo-se fiel aos princípios de sua antecessora.

Na época da chegada do Monsenhor, a comunidade na qual foi instalada a instituição, era uma comunidade rural composta majoritariamente por agricultores, que enfrentavam dificuldades como a falta de infraestrutura básica, incluindo o acesso à energia elétrica e água

encanada, e recebiam pouca atenção das autoridades públicas¹. Contudo, após a fundação da escola, o distrito passou por uma transformação significativa, o que resultou em melhorias para a região e garantia para a permanência da escola.

A Solibel, segundo Tavares (2016), é considerada a primeira escola rural de música do Brasil, um projeto conduzido por um sacerdote com recursos limitados, mas que estava comprometido em promover mudanças na realidade de sua comunidade.

Neste trabalho, a música e a educação musical são compreendidas como práticas sociais (Souza, 2004), e a Solibel é considerada como uma instituição que contribui significativamente para a constituição de identidades e representações socioculturais dos indivíduos que dela fazem parte.

Vale destacar que a formalização e institucionalização do projeto culminaram na transformação dessa escola em Sociedade. Embora a Escola Heitor Villa-Lobos, primeiro nome da escola, não tenha sido extinta, ela passou a contar com outra estrutura de funcionamento e outro nome (Solibel). Essa observação é relevante, pois, ao longo dos relatos do sacerdote, percebe-se que ele trata ambas como uma única instituição, ainda que, à primeira vista, possam parecer entidades distintas.

Metodologia

O presente estudo fundamenta-se em uma abordagem qualitativa que, como “termo genérico agrupa diversas estratégias [...] que partilham determinadas características” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 16). Essa abordagem valoriza aspectos descritivos e interpretativos do fenômeno investigado. Segundo os autores, trata-se de um tipo de investigação cujos dados são “ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, e de complexo tratamento estatístico. [...] Privilegiam, essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação” (Bogdan; Biklen, 1994, p. 16).

Este trabalho se propôs a compreender a perspectiva pedagógico-musical da Solibel utilizando como material de análise o livro “Escola de educação artística: filosofia e relatos

¹ Quando foi fundada a Solibel, em julho de 1967, a comunidade não tinha asfalto, nem rede telefônica [...] à margem da estrada, as casas eram espalhadas, muitas delas construídas de barro armado, cobertas de palha (Moreira, 2008, p. 43).

históricos”, lançado em 2008, de autoria Monsenhor Ágio Augusto Moreira que traz suas ideias e concepções sobre a criação da Solibel. Para tanto, foram examinadas as partes da obra que abordam os aspectos filosóficos, pedagógicos e musicais da instituição.

Considera-se o livro como uma fonte primária, por se tratar de um documento produzido diretamente pelo autor da experiência educativa analisada, que conforme Mann (1975) explica, proporciona

dados colhidos em primeira mão; [...]. Elas contrastam com as fontes secundárias, que são dados obtidos de segunda mão; quer isso dizer, conjunto de dados não recolhidos em primeira mão, mas sim retirados dos dados originais de outras pessoas (Mann, 1975, p. 63).

Assim, optou-se por utilizar a fonte original em sua integralidade, assegurando maior fidedignidade ao processo analítico e recorrendo, sempre que possível, à fonte primária em vez da secundária, conforme é defendido por Mann (1975).

A escola como instituição

Neste trabalho, a escola é abordada como uma instituição educacional. O conceito de instituição tem sido amplamente debatido no âmbito das ciências sociais, dada a sua relevância para a compreensão da organização da vida coletiva. No caso das organizações escolares, Cunha (2009) menciona que a concepção de organização está inextricavelmente vinculada à escola. Segundo a autora, a organização escolar se caracteriza pela sua singularidade nos processos constitutivos, os quais envolvem elementos como o estatuto, a formação de gestores, dos professores, as relações de poder e as diferentes perspectivas entre os diversos atores constituintes da escola.

É através dessa organização escolar que ocorre o processo de institucionalização, sendo que, na perspectiva de Cunha (2009), a institucionalização é um processo de constituição das instituições sociais que ocorrem em determinado espaço e tempo por meio de um processo social.

Desse modo, compreende-se, neste estudo, que as instituições são “sistemas de normas inter-relacionadas que têm raízes em valores compartilhados e se generalizam por uma sociedade ou grupo social particular como suas formas comuns de agir, pensar e sentir”

(Scott, 2010, p. 112). Essa concepção dialoga com a noção de “trama institucional” proposta por Souto (1998, p. 70), que define a instituição como um “conjunto organizado de pessoas com uma localização espaçotemporal que persegue fins comuns”.

A ideia de “trama” remete à constituição de um “microtecido institucional”, construído a partir das interações entre os sujeitos que a compõem, operando em “níveis conscientes e inconscientes”. Tal compreensão evidencia que as instituições não se reduzem a estruturas formais, mas são dinâmicas e atravessadas por relações simbólicas, afetivas e sociais.

Cunha (2009) acrescenta que a institucionalização da educação está diretamente relacionada à formação da sociedade de classes. Nesse sentido, segundo a autora, por se tratar de uma sociedade estruturada em divisões sociais, a educação também é atravessada por essas distinções, de modo que se conformam diferentes formas de educação voltadas para diferentes classes sociais. As camadas menos privilegiadas socialmente tornam-se, assim, vítimas da escassez de ofertas e de oportunidades educacionais.

Tal cenário pode ser correlacionado com a motivação do Monsenhor ao escolher atuar junto à população de uma comunidade rural, historicamente marginalizada, como já mencionado. Para o sacerdote, esses sujeitos representavam as “joias ocultas” de uma sociedade desigual — talentos que, embora invisibilizados, mereciam ser descobertos e valorizados por meio da educação.

Descrição do livro

O livro em análise, “Escola de educação artística: filosofia e relatos históricos”, está estruturado em sete partes. Conforme indicado pelo próprio autor, essas partes substituem a tradicional divisão em capítulos e são subdivididas em itens.

A primeira parte da obra, intitulada “Filosofia da escola”, é composta por 61 itens e apresenta uma contextualização geral da instituição, abordando diversos aspectos fundamentais. Entre os principais pontos, destaca-se a própria concepção filosófica que orienta a proposta pedagógica da escola. Além disso, são explorados elementos históricos relativos à fundação da instituição, características do público atendido e os grupos musicais que a compunham. Também são incluídos posicionamentos pessoais do Monsenhor, bem

como um extenso relato das apresentações realizadas por diferentes conjuntos da escola. A parte final dessa seção traz a reprodução de reportagens que evidenciam o trabalho desenvolvido pelo sacerdote à frente da escola.

A segunda parte da obra, intitulada “Curiosidades”, reúne episódios diversos relacionados à vivência da escola, à interação do sacerdote com a comunidade, bem como algumas de suas experiências enquanto docente. Os relatos apresentam variações significativas quanto ao tom adotado pelo autor, que transita entre o humor e o suspense. Essa combinação confere leveza à narrativa, ao mesmo tempo em que revela aspectos sutis do cotidiano da instituição e da personalidade do sacerdote.

A terceira parte da obra, intitulada “Nobres benfeitores”, apresenta 11 personalidades que tiveram alguma participação significativa na história da Sociedade. Essa participação abrange desde contribuições à estruturação e concepção da escola até apoios financeiros.

A quarta parte da obra, intitulada “Participação da escola”, pode-se dizer que é uma verdadeira catalogação de inúmeras apresentações musicais dos grupos vinculados à instituição. Os registros abrangem o período compreendido entre a primeira apresentação, ocorrida em 3 de março de 1974, até a apresentação do dia 17 de dezembro de 2006.

O autor organizou essa documentação em três itens distintos: Os dois primeiros, denominados “Concerto (I)” e “Concerto (II)”, reúnem, ao todo, 46 apresentações entre 1974 e 2006; o terceiro item, intitulado “Eventos (1992 a 2003)”, registra 146 participações dos grupos musicais da Solibel², em eventos ocorridos nesse intervalo específico.

A quinta e a sexta parte possuem características semelhantes, pois ambas apresentam uma espécie de “currículo vitae” de algumas pessoas que fazem ou que fizeram parte da instituição. A quinta parte, intitulada “Corpo docente atual”, descreve a formação acadêmica e profissional dos professores que atuavam na escola no período em que o livro foi elaborado. Ao todo, são apresentados nove perfis, incluindo o do próprio Monsenhor, que também fazia parte do corpo docente.

² Alguns dos grupos da Solibel, a “Orquestra Padre David Moreira”, o “Coral Santa Cecília”, a “Banda Zequinha de Abreu”, o “Quinteto de Cordas Mozart”, a “Camerata Mirim” e o “Grupo de Flautas”.

A sexta parte, intitulada “Ex-alunos que atuaram como professores”, reúne informações sobre dez indivíduos que, após concluírem sua formação como alunos da escola, retornaram para nela lecionar. Essa atuação não se refere necessariamente a um único período específico, mas representa um panorama abrangente das diferentes composições que o corpo docente da instituição assumiu ao longo do tempo.

A sétima e última parte do livro, intitulada “Comemoração do quadragésimo aniversário da Escola Heitor Villa-Lobos (1967-2007)”, apresenta um relato detalhado dos preparativos e da realização das festividades em comemoração aos 40 anos da escola. A seção contempla não apenas a descrição dos eventos que marcaram a celebração, mas também o registro de diversas homenagens prestadas por personalidades relevantes na trajetória da instituição. Essas homenagens foram dirigidas tanto à escola quanto ao Monsenhor, em reconhecimento à dedicação que desempenhou na consolidação do projeto educacional.

Perspectivas pedagógico-musicais da escola

Que escola é essa?

Essa escola foi criada pelo Monsenhor depois de conhecer, em uma de suas viagens, um grupo de camponeses, formado por jovens (homens e mulheres), em sua maioria semianalfabetos, e que, apesar de não possuírem qualquer instrução musical formal, mencionou que pareciam ter estudado solfejo ou canto orfeônico, já que mantinham a afinação enquanto cantavam a duas vozes. Foi a partir daí que aflorou o desejo do padre de "aproveitar tais talentos, por meio de uma escola genuinamente rural, de fácil acesso, adequada ao jovem do campo, inteiramente gratuita, sem intervenção de poder público com exigência burocrática" (Moreira, 2008, p. 14).

Com ensino gratuito, a escola foi instalada em uma zona rural do estado do Ceará, e visava “educar e promover o jovem do campo” (Moreira, 2008, p. 17). De início, como a escola possuía apenas dez instrumentos musicais, o número de participantes foi limitado, pois “com efeito, o instrumental era pouco, velho, remendado e não satisfazia plenamente à formação de uma grande orquestra. Também eu não possuía meios para dar assistência social, visto o meu ganho ser insuficiente” (Moreira, 1992, p. 45).

Apesar da ênfase no ensino de música, não era uma escola profissional, mas uma escola “de educação e promoção humana”. A proposta inicial do sacerdote era direcionar as vagas prioritariamente a crianças 6 a 7 anos e adolescentes filhos de agricultores da própria comunidade. Com o passar do tempo, entretanto, conforme relata Moreira (2008), outros públicos começaram a procurar o padre em busca de formação musical para “desenvolver seus penhores artísticos” (Moreira, 2008, p. 18). Diante dessa demanda, o Monsenhor decidiu ampliar o público atendido, acolhendo também trabalhadores do campo, do gado, do engenho e da construção civil.

Para compreender a perspectiva pedagógico-musical do Monsenhor, torna-se necessário estabelecer um processo dialógico entre suas concepções sobre o papel do docente e da Solibel e as práticas desenvolvidas na instituição. Tal análise será conduzida a partir das informações presentes em sua obra, que serve como fonte para este estudo.

O ensino musical e sua importância na vida

Um dos questionamentos que pode ser levantado a partir do pensamento do Monsenhor é “o que ele entende acerca da importância do ensino musical”. O sacerdote concebe a arte como modo “de formar e de educar”, de disciplinar o corpo e proporcionar equilíbrio emocional ao espírito.

O sacerdote enfatiza a importância do ensino musical e defende o “cultivo da música” no processo educativo desde cedo, “mormente na infância e adolescência” (Moreira, 2008, p. 18). Complementando esse pensamento, acrescenta que “entre a variedade de meios de educar” ele escolheu “a arte musical como meio eficiente para alcançar tal objetivo” (Moreira, 2008, p. 19). Conclui afirmando que “afinal, a música acompanha o homem, em toda sua trajetória de vida, quer seja leigo no assunto, ou não” (Moreira, 2008, p. 19).

Quando o ensino de música em uma escola, Monsenhor destaca o que considera como diferença fundamental entre a Solibel e as instituições de educação básica convencionais; enquanto, nessas escolas, a música ocupa “um lugar marginal na grade curricular”, na Solibel ela é centro da proposta pedagógica. Para o sacerdote, essa centralidade é indispensável para que a música cumpra seu papel formativo pleno, permitindo

não apenas o acesso técnico à linguagem musical, mas, sobretudo, a descoberta e o desenvolvimento das potencialidades artísticas dos alunos.

Nesse sentido, Moreira (2008, p. 20) afirma que a escola foi criada com o propósito de revelar os dotes e talentos dos jovens do campo — dotes entendidos como “dons naturais, e talentos como aptidões que possibilitam o desenvolvimento de algo útil para a promoção pessoal”. Ele critica a ineficácia de outras instituições — como escolas regulares, famílias e até mesmo clubes artísticos — em identificar e cultivar essas aptidões, por não serem especializadas ou estarem movidas por “interesses exclusivamente materiais”.

A crítica do sacerdote exemplifica o desfavorecimento citado por Cunha (2009), segundo o qual os indivíduos das camadas menos favorecidas sofrem com a escassez de ofertas e oportunidades educacionais. Ao priorizar a música como meio de valorização humana e inclusão social, evidencia a constituição de um “microtecido institucional” próprio, conforme propõe Souto (1998), marcado por interações simbólicas e por valores compartilhados que rompem com as normas tradicionais. Neste sentido, a escola constrói suas formas de agir e pensar com base em valores coletivos internalizados, o que dialoga com a concepção de Scott (2010).

Percebe-se que o sacerdote entendia a música como uma “expressão inerente ao ser humano”, independentemente de sua formação técnica. Essa concepção pode ser correlacionada à perspectiva de Blacking (2007), segundo o qual a música constitui um “sistema primário do pensamento humano” e possui um caráter “gerativo”, tanto no âmbito da cultura quanto na própria capacidade humana.

Tal percepção é corroborada por sua vivência com os jovens cantores da lavoura, cujo “canto espontâneo”³ evidenciava o que ele considerava uma musicalidade presente mesmo sem um ensino de música. Ou seja, ele concebia que independente de uma formação escolar as pessoas estavam imersas em suas práticas musicais culturais.

³ O autor entende como “capacidade natural do cantar” a habilidade de cantar que os agricultores tinham sem terem estudado música.

Perspectiva pedagógica

O sacerdote elaborou um plano pedagógico que, segundo ele, se caracterizava por ser “diferente” do que era estabelecido no ensino escolar, uma vez que seu objetivo consistia em “aproveitar os talentos, o mais rápido possível, e, ao mesmo tempo, mostrar o aproveitamento dos alunos à Comunidade” (Moreira, 2008, p. 24). Desse modo, o programa elaborado por Monsenhor consistia nas seguintes etapas:

- 1º - Estudar a teoria musical, com lições resumidas, práticas e fáceis de reter na memória e facilitar a leitura musical, isto é, dizer os nomes das figuras, com seus respectivos valores;
- 2º - Exercitar a leitura rítmica, isto é, dizer os nomes das notas dentro do ritmo;
- 3º - Solfejar, quer dizer, cantar os nomes das notas dentro do compasso. (Moreira, 2008, p. 24).

Para o Monsenhor, toda essa preparação justificava-se como uma etapa indispensável anterior à prática instrumental. A escolha do instrumento a ser estudado era orientada pelo professor responsável pela turma. Um aspecto interessante abordado pelo autor é a adoção da flauta doce como instrumento introdutório, incorporada a essa etapa preparatória com a finalidade de facilitar o ingresso do aluno na prática de outros instrumentos, como é justificado pelo sacerdote:

Pela experiência, depois que foi introduzida a flauta doce, a aprendizagem de instrumentos mais difíceis tornou-se muito mais fácil, principalmente para os alunos que não têm voz para solfejar ou mesmo cantar. A flauta doce favorece ao candidato aprender mais rápido um instrumento de classe, como violino, órgão e outros que exigem muito exercício. A flauta é um instrumento de fácil execução [...] é através da flauta doce, uma vez treinado, que o indivíduo demonstra capacidade para dividir, entoar e afinar qualquer outro instrumento. Na prática, a flauta serve de base para a pessoa chegar a participar da Orquestra ou Coral (Moreira, 2008, p. 24)

A partir desse relato, é possível levantar questionamentos e refletir criticamente sobre algumas ideias apresentadas como, por exemplo, a noção de “ter ou não ter voz” para cantar. Ao empregar essa expressão, o sacerdote parece indicar uma distinção entre os alunos que demonstravam maior afinidade e desenvolvimento nas habilidades vocais e aqueles que, por diferentes razões, não apresentavam as mesmas competências. No entanto, esses

estudantes não eram excluídos do processo formativo, sendo incentivados a direcionar seus esforços às práticas instrumentais, o que revela uma postura de inclusão pedagógica.

Além dessas questões relativas à prática vocal e instrumental, o sacerdote enfrentou diversos desafios relacionados às condições de vida dos estudantes. Dentre os principais desafios estavam o analfabetismo, a baixa frequência, a distância entre a escola e as residências, e a pobreza. A questão da frequência era particularmente delicada, pois muitos alunos trabalhavam no campo durante o dia — tanto pela manhã quanto à tarde —, o que tornava viável a realização das aulas apenas no turno da noite. Como forma de atenuar a situação de vulnerabilidade social, o Monsenhor passou a oferecer uma merenda para os alunos. Em relação aos estudantes analfabetos, ele desenvolveu uma estratégia pedagógica específica:

Para os analfabetos decidi desenhar as notas musicais numa cartolina e pregar em quadros sobre a estante, para eles decorarem todas as vezes que entrasse na Escola. Por esse meio, os alunos, vendo aquelas figuras ou aquelas bolinhas pretas e brancas, foram, aos poucos, memorizando a ponto de ler, mais tarde, sem embaraço, uma partitura musical. Pois as figuras-notas eram quase todas representando melodias folclóricas que eles já sabiam decoradas, nos terreiros de suas moradas. Com o exercício de solfejo, os alunos naturalmente guardavam na mente o som de cada figura, sem muito esforço, porque eles já conheciam as melodias de roda cantadas pelas crianças (Moreira, 2008, p. 38-39).

A partir dessa explicação, é possível perceber que o sacerdote buscou valorizar os conhecimentos prévios dos alunos e dialogar com o universo cultural desses sujeitos, utilizando elementos da cultura popular e local como ferramenta de ensino. Apesar de sua formação marcada por uma visão tradicional e, em certa medida, influenciada pelo modelo europeu de ensino de música, Monsenhor Ágio demonstra flexibilidade ao incorporar práticas baseadas na realidade vivida pelos estudantes da escola.

Essa postura reforça o movimento de distanciamento em relação à tradicionalidade, caracterizando a formação de uma trama institucional própria, nos termos de Souto (1998), construída a partir das práticas e interações específicas da realidade local. Ao mesmo tempo, essa dinâmica dialoga com a concepção de instituição proposta por Scott (2010), ao evidenciar formas institucionalizadas de agir e pensar que se enraízam em valores compartilhados pela comunidade escolar.

Um relato curioso apresentado por ele é o de que, com o tempo, devido ao uso constante do recurso visual afixado nas estantes, as imagens desenhadas nas cartolinas chegavam a desaparecer — o que evidencia a intensa prática e o envolvimento dos alunos com o material didático. Essas práticas revelam o cuidado do sacerdote em adaptar o ensino musical às condições reais dos seus alunos, promovendo um processo educativo que, além de técnico, estava de certa forma atento à diversidade social e cultural da comunidade atendida pela escola.

Considerações finais

No decorrer deste estudo, buscou-se compreender as perspectivas pedagógico-musicais da Solibel através da ótica de seu criador. A obra “Escola de Educação Artística: Filosofia e Relatos Históricos”, publicada em 2008, foi tratada como uma fonte primária, conforme a perspectiva de Mann (1975).

Com base em Cunha (2009), Scott (2010) e Souto (1998), a escola foi compreendida como uma instituição educacional, que ocorre em determinado “espaço e tempo”. Esse processo origina sistemas de normas que são “interrelacionadas e que possuem valores compartilhados” que direcionam “formas de agir, pensar e sentir de um determinado grupo social”, formando, assim, uma “trama institucional” (Souto, 1998).

Desse modo, compreende-se que Monsenhor Ágio utilizou em sua proposta pedagógica elementos de sua própria bagagem cultural, marcada pela tradição europeia de ensino. No entanto, desde a concepção da instituição, observa-se uma ruptura parcial com essa herança, o que permitiu ao sacerdote desenvolver uma abordagem mais flexível. Essa flexibilidade se evidencia na valorização da cultura local e na adoção de práticas pedagógicas que dialogavam com a realidade dos alunos, buscando adaptar o ensino às suas limitações e potencialidades.

Ao analisar a obra de Ágio Augusto Moreira (2008), que traz o seu pensamento sobre os fins, os objetivos da música e do seu ensino, é possível acessar a forma como a instituição pensa e age. No entanto, torna-se evidente uma limitação quando se busca compreender as formas de sentir dos sujeitos que compõem essa instituição. Isso ocorre porque, ao utilizar exclusivamente o livro como fonte, adota-se uma perspectiva unilateral, a do próprio

sacerdote. Essa observação não pretende desqualificar a fonte, mas ressaltar que, ao se propor compreender uma instituição em sua totalidade, é necessário considerar a pluralidade de vozes que a constituem. Nesse sentido, uma pesquisa de mestrado está em andamento com o objetivo de superar essa limitação, ampliando as ferramentas metodológicas por meio da adoção, por exemplo, da história oral.

Referências

- BLACKING, John. Música, cultura e experiência. *Cadernos de Campo*, São Paulo, Brasil, v. 16, n. 16, p. 201–218, 2007. Disponível em: <<https://revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/50064>>. Acesso em: 16 jun. 2025.
- BODGAN, Roberto C.; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto – Portugal: Porto Editora, 1994.
- CUNHA, Elisa da Cunha. *Compreender a escola de música como uma instituição: um estudo de caso em Porto Alegre - RS*. Porto Alegre, 2009. Tese (Doutorado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/17453>>. Acesso em: 12 mar. 2025.
- MANN, Peter. *Métodos de investigação sociológica*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
- MOREIRA, Ágio Augusto. *Escola de educação artística: filosofia e relatos históricos*. Crato: [s. n.], 2008.
- MOREIRA, Ágio Augusto. *Um sonho realizado: história de uma escola rural*. Crato: [s. n.], 1992.
- SCOTT, John. Instituição. In: SCOTT, John. *Sociologia: conceitos – chave*. Tradução de: Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2010, 112 - 115.
- SOUZA, Jusamara. Educação musical e práticas sociais. *Revista da ABEM*, v. 12, n. 10, 2004. Disponível em: <https://revistaabem.abem.mus.br/revistaabem/article/view/356/285> Acesso em: 28 jun. 2025.
- SOUTO, Marta. Sobre incertezas e buscas no campo institucional. In: BUTELMAN, Ida. *Pensando as instituições: teorias e práticas em educação*. Porto Alegre: ArtMed, 1998. 67-108.
- TAVARES, Ibbertson Nobre. *Experiências formadoras no Cariri cearense: a relevância dos saberes informais e não-formais para a formação do campo musical*. In: ENCONTRO REGIONAL NORDESTE DA ABEM: Diversidade humana, responsabilidade social e currículos: interações na educação musical, Teresina, 2016. Anais [...]. Teresina: ABEM, 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/44665>>. Acesso em: 20 jan. 2024.